
**A FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM UMA NOVA SOCIEDADE-
- A PSICOPEDAGOGIA EM FOCO.-**

Cristina Barreto Tavares

Pós-graduanda do curso de Psicopedagogia
e Pedagogia Empresarial do ISECENSA

Maria Lúcia Moreira Gomes

Mestre em Cognição e Linguagem UENF

Luzia Alves de Carvalho

Diretora do Instituto Superior de Educação do ISECENSA
Dr^a em Ciências Públicas pela UPSAM Espanha
luzia@censnet.com.br

RESUMO

Repensar a psicopedagogia à luz das teorias e das práticas pedagógicas atuantes nas escolas, sejam elas públicas ou privadas, torna-se imperativo quando a educação é para o exercício da cidadania. Neste cenário não pode ser excluída a formação do educador que se prepara para os enfrentamentos imperiosos na sua função docente, no sentido de aliar a seu conhecimento adquirido em cursos de formação a prática e as ações da Psicopedagogia que se ocupa da aprendizagem humana, ampliando cada vez mais sua função na instituição.

Palavras-chave: Psicopedagogia - Formação de educadores – ensinagem e aprendizagem

RESUMEN

Repensando la pedagogía a la luz de las teorías y las prácticas pedagógicas de trabajo en las escuelas, sean públicas o privadas, se hace imperativo que la educación es para el ejercicio de la ciudadanía. En este escenario no se puede descartar que la formación del profesorado se está preparando para los enfrentamientos de peso en la docencia, para combinar sus conocimientos adquiridos en los cursos de formación a la práctica y las acciones de Psicología de la Educación que se ocupa del aprendizaje humano, la expansión de cada aumentar su papel en la institución.

Palabras clave: Subjetividad - Formación de educadores - la enseñanza y el aprendizaje de

1- Introdução

“ Pensar certo – e saber que ensinar não é transferir conhecimento é fundamentalmente pensar certo – é uma postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos.” (FREIRE, 1997)

A Psicopedagogia é um campo de conhecimento e atuação em Saúde e Educação que lida com o processo de aprendizagem humana, seus padrões normais e patológicos, considerando a influência do meio - família, escola e sociedade - no seu desenvolvimento, utilizando procedimentos próprios.

A Psicopedagogia vem criando identidade e campo de atuação próprios, que estão sendo organizados e estruturados especialmente pela Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp). KIGUEL (1987, p.25). Cumpre-nos ressaltar que a Psicopedagogia encontra-se em fase de organização de um corpo teórico específico, visando a integração das ciências: pedagogia, psicologia, fonoaudiologia, neuropsicologia e psicolinguística para uma compreensão mais integradora do fenômeno da aprendizagem humana.

Seu objeto de estudo é a aprendizagem humana e seus padrões evolutivos normais e patológicos e não um campo restrito que se volta ao atendimento de crianças com dificuldades de aprendizagem, distúrbios ou patologias. Atualmente, a Psicopedagogia vem se firmando no mundo do trabalho e se estabelecendo como profissão.

Este estudo tem por objetivo apresentar a importância da formação de um novo profissional, com formação psicopedagógica, tendo em vista que a não passagem por este campo de conhecimento implica diretamente numa ensinagem deficiente, superficial e muitas vezes devastadora na vida dos aprendentes.

Evidenciar em que vertentes pode a Psicopedagogia atuar no âmbito educacional, parece ser relevante neste processo de formação de educadores, pois, conforme afirma Neto (1997), cabe ao psicopedagogo estabelecer investigações cuidadosas que permitam levantar uma série de hipóteses indicadoras das estratégias capazes de criar a situação mais adequada para que a aprendizagem ocorra.

Na era atual, de informação e do conhecimento, em que as pessoas são muito mais vistas como máquinas que como homens, urge que a academia repense a preparação dos formadores para o cenário real que irão encontrar, sob pena de ver seus sonhos imergirem no insucesso e nas dificuldades tão comuns encontradas em sala de aula.

Falar em Psicopedagogia significa mais do que teorizar a respeito de práticas inexecutáveis em alguns contextos, principal e fundamentalmente, em escolas da periferia das grandes cidades, hoje tão ameaçadas e reféns de grupos nada interessados em educação, mas na monopolização do não-saber. A psicopedagogia proporciona novas possibilidades para que a escola comece a reverter o quadro alarmante da exclusão social e a criar condições de ensinamentos e envolvimento nos papéis que cada ser deve cumprir na escola e na sociedade. Neste sentido, concordamos com PORTO (2009, p.25) quando afirma que:

As pessoas não nascem boas ou más: é a sociedade, quer queira, quer não, que educa moralmente seus membros : a família, os meios de comunicação, o convívio com outras pessoas têm influência marcante no comportamento de crianças, jovens e adolescentes. E, sem dúvida, a escola também tem. (PORTO, 2009: 25.)

2- Sobre educação e educar

Formar educadores pressupõe formar pessoas com histórias de vida a serem consideradas. Neste contexto, a formação de educadores deve ir além dos conteúdos e métodos didáticos, compreendendo todo o processo de reflexão da teoria e da prática pedagógica e psicopedagógica.

No entanto, não é este o cenário que hoje presenciamos. Os cursos de licenciatura e os antigos cursos de Formação de Professores, parecem, ainda hoje, não ter a visão tão necessária de preparação dos educadores para a arte e a responsabilidade do educar integralmente. Arte, aqui, não pretende ter a conotação do lúdico, mas implica conhecimento teórico no que diz respeito ao desenvolvimento do educando em todas as suas fases.

Educar significa desvendar realidades com o outro, e, nesta aventura, a relação interpessoal favorável, a empatia têm um papel de suma importância. É necessário romper com o tradicional, encontrar estratégias de renovação e inovação em sala de aula, indo além da comodidade de trilhar caminhos já percorridos que não representam nenhum risco ao educador. Vista assim, a tarefa de educar, assumirá o significado de busca incessante, de questionamento da realidade, oportunidade para que as vivências individuais e coletivas apontem o novo não apenas para o aluno, mas também para o educador.

A severidade, a ausência de clareza e consistência e de criatividade no fazer educativo, afasta os sujeitos da busca de alternativas para as dificuldades da própria vida, do próprio ato de aprender, pois, conforme afirma PAIN (1992), “Todo conhecimento é conhecimento do outro”.

O movimento cognitivo de “estar junto com”, o processo de ensinagem, inicia-se com o conhecimento e a experiência do outro, fazendo-se a ligação entre aquilo que já se sabe e os novos saberes e teorias. É essencial, nesta metodologia, considerar a trajetória do outro.

É interessante notar que a aprendizagem em adultos inicia-se, quase sempre, por uma experiência vivida. Assim, relacionamos, por exemplo, o que ouvimos em uma palestra, com algo que já experimentamos em nossa trajetória como aprendentes na vida.

Piaget afirma que aprender passa a ser uma tentativa de compreender, de modo mais aprofundado, algo novo ou algo que já se possui alguma informação. Com base nesta afirmativa, deduz-se que o professor-facilitador tem como papel principal mediar, proporcionar um ambiente propício para a ensinagem, e ainda, promover uma continuidade de tarefas e momentos em que não exista a monotonia de estar numa sala de aula apenas por compromisso e obrigação, mas que

exista o prazer do continuar a aprender, o diálogo e o que é essencial: modificar o sentido tradicional do que venha a ser considerado uma sala de aula, o que é ser professor, mestre, aprendente.

Esta metodologia exige de seus participantes maior responsabilidade pelo aprendizado coletivo. O fato de termos sido guiados em nossa formação a partir de modelos não criativos e autoritários de “ensinar e aprender” demandará que haja muita prática, estudo e pesquisa permanente para a transformação contínua.

Paulo Freire (1997) fala sobre nosso inacabamento e sobre o quanto cada aprendente traz de suas vivências para a sala de aula. É necessário transformar a prática educativa em momento de reflexão e revisão, surgindo daí a práxis que constitui uma ação pensada e aprimorada.

3- Educando um novo educador

É indispensável enfatizar aos novos educadores a necessidade da interação, do estímulo ao diálogo e do incentivo às atividades participativas. Há uma necessidade urgente de olhar o homem a partir dele próprio, de sua afetividade, do seu mundo, de sua subjetividade, de seu altruísmo. Tornou-se imprescindível que os educadores “estejam em sala de aula” de corpo e mente. Apaixonados.

É nesta vertente que ASSMANN, afirma :

“Uma sociedade onde caibam todos só será possível num mundo no qual caibam muitos mundos. A educação se confronta com essa apaixonante tarefa; formar seres humanos para os quais a criatividade, a ternura, sejam necessidades vivenciadas em elementos definidores dos sonhos de felicidade individual e social”.
(1998, pág. 29)

A educação é, fundamentalmente, um processo de humanização que está além de formar indivíduos tecnicamente capazes de atuar em sociedade. Cabe ao educador o papel de evidenciar

o ser em detrimento do saber. Embora reconheça e trabalhe para que os dois juntos - o fazer e o saber - sejam coadjuvantes no semear e desabrochar do conhecimento , pois

[...]o saber docente não é formado apenas da prática, sendo também nutrido pelas teorias da educação. [...] oferecendo perspectivas de análise para que os professores compreendam os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si próprios como profissionais. (PIMENTA; GHEDIN, 2002 apud BARREIRO, 2006, p. 35).

A consideração do contexto sócio-cultural em que o aluno e o próprio educador estão inseridos permite, à luz das teorias científicas, conhecer a realidade, oferecendo instrumentos para a construção do trabalho educativo, tendo em vista a transformação daquela, no sentido de promover novas alternativas, estratégias e instrumentos voltado para uma educação transformadora, inclusiva e menos impessoal. Para isto, é necessário ficar atento para o tipo de comunicação, os valores e os significados implícitos nas propostas educativas.

A escola, e o educador como protagonista do cenário, deverá desenvolver uma visão de mundo, da sociedade e da pessoa humana, no sentido de aceitar as diferenças, superar o assistencialismo, suplantando o determinismo e assumindo a inclusão social, libertando-se da visão estigmatizada em relação à população de baixa renda. A pessoa que aprende é um sujeito histórico, faz parte de uma determinada organização familiar, e, como tal, encontra-se inserida em uma dada sociedade, em tal cultura e momento histórico, uma pessoa de natureza singular, que deverá ser considerada na situação de aprendizagem.

Ressalta-se que as ações acima evidenciadas só podem acontecer com uma sólida e contínua formação dos educadores.

4- A ação da Psicopedagogia

O olhar da Psicopedagogia é do homem como um ser cognoscente, em processo de construção do ser e do saber, um ser pluridimensional, com dimensões racional, afetiva/desiderativa e

relacional no aspecto contextual e interpessoal, capaz de atuar na complexidade contextual em que ocorre a aprendizagem. Neste sentido levantam-se os seguintes questionamentos:

- Como formar o sujeito unificado, diante das variáveis contextuais orgânicas, psíquicas, sócio-culturais, que exercem influência sobre ele?
- Como distinguir dificuldades, desvios, erros na aprendizagem tão presentes, daquilo que se configuraria realmente como patologia?
- Qual será o papel da Família, da Escola e da Sociedade e qual o papel do próprio sujeito neste processo?
- Como atuar, preventiva ou clinicamente?

5- Formação, ensinagem e aprendizagem

O campo de atuação da Psicopedagogia está se ampliando, pois o que inicialmente caracterizava-se apenas pelo aspecto clínico, hoje pode ser aplicado no segmento escolar, conhecido como Institucional, em segmentos hospitalares, empresariais e em organizações em que acontecem a gestão de pessoas.

A Psicopedagogia age no sentido de retirar as pessoas da sua condição inadequada de aprendizagem, dotando-as de sentimentos de elevada auto-estima, fazendo-as perceber suas potencialidades, recuperando, seus processos internos de apreensão de uma realidade, nos aspectos: cognitivo, afetivo-emocional e de conteúdos acadêmicos

O psicopedagogo deve ser um profissional que tem conhecimentos multidisciplinares, pois em um processo de avaliação diagnóstica, é necessário estabelecer e interpretar dados em várias áreas, dentre elas: auditiva e visual, motora, intelectual, cognitiva, acadêmica e emocional. O conhecimento dessas áreas fará com que o profissional compreenda o quadro diagnóstico do aprendente e favorecera a escolha da metodologia mais adequada, ou seja, o processo corretor, com vistas à superação das inadequações do aprendente. É necessário ressaltar também que a atualização profissional é imperiosa, uma vez que, vive-se na sociedade da velocidade na qual os conhecimentos envelhecem rapidamente, ao mesmo tempo em que novas descobertas científicas vêm se impondo de forma determinante.

Diante do cenário em que pode atuar o psicopedagogo, torna-se essencial seu lugar na escola, panorama onde tudo começa e para onde tudo converge: a criança aprendente, o educador que forma, o profissional que atua na sociedade, o homem que constrói suas relações com o outro.

A escola não pode prescindir, na formação do educador, de acrescentar os princípios que regem a concepção formativa e inclusiva, de maneira que esta alcance os patamares mínimos de uma ação educativa do homem para o homem.

6- REFERÊNCIAS

ASSMANN, H. Reencantar a educação, rumo à sociedade aprendente. Petrópolis, Rj. : vozes, 1998.

CARVALHO, L. A. (org.). Textos Seleccionados de Psicopedagogia. Campos dos Goytacazes, RJ, 2009.

_____ (org.). Psicopedagogia – teoria e prática, 2ª ed. Campos dos Goytacazes, RJ, 2009.

CHALOUB, S. B.; CARVALHO, L. A. Projeto Político Pedagógico do CENSA. Editora CENSA, Campos dos Goytacazes, RJ, 2009, p. 43. PIMENTA; GHEDIN, 2002 apud BARREIRO, 2006, p. 35.

FREIRE, P. A pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1997, p. 54.

NETO, Barbosa. Justificativa. Revista Psicopedagogia. Sala de sessões em 15 de maio de 1997.

PAIN, Sara. Diagnóstico de problemas de aprendizagem. Ed. Porto Alegre: 1992, p. 13/30

PORTO, O. Psicopedagogia Institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico. 3ª Ed. Rio de Janeiro; Walk Ed., 2009.